

A ORIGEM DO MÉTODO CIENTÍFICO: O ADVENTO DA TRADIÇÃO DA DISCUSSÃO CRÍTICA.

Aluno: Júlio Fontana

Orientador: Danilo Marcondes

Introdução

O evento histórico que foi submetido ao nosso exame faz parte de um momento transicional. Devido a esse fato, uma grande atenção foi dada a ele, tanto pelos historiadores gerais, como pelos historiadores da filosofia. Apesar de ter havido muita pesquisa não se chegou a um consenso nas questões centrais que ele levanta. Formaram-se correntes e doutrinas opostas. Há, por exemplo, os orientalistas cuja proposta consiste em apontar o berço da filosofia como sendo o Egito. A corrente contrária afirma que a filosofia nada deve às civilizações orientais, sendo ela produto do gênio grego. Existem os continuístas que acreditam que a filosofia teve sua origem no mito, sem indicar qualquer tipo de ruptura. A corrente contrária nega isso, dizendo que mito e filosofia são duas formas de pensamento antagônicas entre si. Mais relacionado com o problema que enfrentamos está a tese triunfalista. Esta afirma que a ciência tem seu início somente com a revolução galilaico-cartesiana e, por isso, ela nada deve aos gregos. Defendi a tese contrária, isto é, que a ciência moderna, principalmente em questões metodológicas, deve sua existência aos gregos.

A tradição da discussão crítica

A filosofia da ciência é uma disciplina nova. Ela atingiu seu ápice em meados do século XX quando a ciência passou por uma forte crise. Essa crise fez com que se questionasse a natureza da ciência e da prática científica. Não existe um consenso entre os filósofos da ciência sobre essas questões, porém, muita coisa se revelou sobre a ciência. Um dos pontos, no qual acredito que haja um grande consenso, é que a ciência é uma atividade pública, isto é, ela é uma atividade que deve sua existência a sociedade científica. Seus membros devem compartilhar seus trabalhos com os colegas. Nada pode ser considerado científico senão houver tal compartilhamento. O cientista não é um indivíduo isolado mas parte de uma comunidade científica.

Atualmente, a publicidade da ciência se dá principalmente pelos meios escritos, ou seja, através, principalmente, das diversas revistas científicas dos centros de pesquisa espalhados pelo mundo. Essa sua característica primordial, como defendi, foi herdada dos gregos. Os pré-socráticos foram os primeiros pensadores a submeterem suas teorias ao crivo da crítica de uma outra pessoa. Para isso era preciso divulgar seus pensamentos. Eles faziam isso principalmente por via oral, como os aedos gregos faziam com os mitos poéticos. Mas, foram responsáveis também por uma grande inovação que é a utilização do meio escrito como um veículo de comunicação de ideias, ou seja, o livro.

Como mostrei na minha tese, o alfabeto foi a principal tecnologia responsável por essas mudanças que levaram ao surgimento da ciência. O alfabeto permitiu o armazenamento de grande quantidade de informação sem recurso à memorização. O homem, livre desse encargo, pode se dedicar a pensar algo novo. Em decorrência do alfabeto surgiu um novo estilo de discurso que melhor se adaptava a ele, a prosa. A prosa possibilitou o homem trasladar seus pensamentos à forma escrita sem se limitar a ações envolvendo pessoas. A prosa possibilitou o discurso abstrato.

Conclusão

Depois desse exame torna-se inconcebível apresentar qualquer reconstrução histórica desse período histórico sem se colocar a criação da tecnologia do alfabeto pelos gregos como o fator primordial para o surgimento da ciência e da filosofia. Viu-se que o erro dos historiadores anteriores estava em desconsiderar a existência do contexto de descoberta e de validação. Eles estavam buscando explicar a origem da ciência e da filosofia somente investigando o contexto de descoberta e, por isso, não acharam qualquer resposta convincente. A chave para a explicação desse evento histórico está no contexto de validação. O discurso dos jônios era científico não por qualquer peculiaridade de conteúdo, mas por terem sido submetidos a um processo de validação de uma comunidade de iguais. Provavelmente, eles não estavam cômnicos da grande revolução que estavam efetuando, mas o fato é que eles inventaram a ciência.

Bibliografia

- BURNET, J. *A Aurora da filosofia grega*, trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.
- CORNFORD, F. M. *Principium Sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 3ª edição, 1989.
- HAVELOCK, Eric A. *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*, trad. Ordep José Terra. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- KIRK, G. S., RAVEN, J. E., SCHOFIELD, M. *Os Filósofos Pré-Socráticos: história crítica com seleção de textos*, trad. Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 6ª ed., 2008.
- POPPER, Karl R. *Conjecturas e Refutações: o desenvolvimento do conhecimento científico*, trad. Benedita Bettencourt. Coimbra: Almedina, 2006.
- VERNANT, J. P. *As origens do pensamento grego*, trad. Ísis Borges da Fonseca. Rio de Janeiro: DIFEL, 16ª edição, 2006.